

Ex-ministros defendem redução

Jornal de Brasília • 7

da dívida

O Brasil tem todas as condições para conseguir uma substancial redução de sua dívida externa nas negociações com os bancos credores privados e com os governos representados pelo Clube de Paris. Esta é a opinião dos ex-ministros Mário Henrique Simonsen, Luiz Carlos Bresser Pereira e João Sayad, que participaram ontem do seminário "a negociação da dívida externa" no Senado Federal. Na avaliação dos ex-ministros, este é o grande momento para se conseguir uma boa negociação, já que os próprios credores se convenceram de que os tradicionais mecanismos de negociação da dívida, que se limitavam apenas ao reescalonamento dos débitos, estão superados.

"Temos condições de reduzir até 50% do montante da dívida", aposta Bresser Pereira, que dos ex-ministros foi quem apresentou a proposta mais ousada para a redução da dívida. Sua sugestão é de que seja simplesmente cancelada metade dos débitos brasileiros com os bancos privados e com o Clube de Paris, que concentram a maior fatia da dívida brasileira. Do restante, 10% seriam trocados por títulos de privatização de empresas estatais e 20% seriam pagos ao longo dos próximos trinta anos. Apenas recebiam o pagamento dos 20% restantes os Bancos e os integrantes do Clube que concordassem com essas regras. Os organismos internacionais, como o FMI, o Banco Mundial e o Banco Interamericano, continuaram recebendo integralmente seus créditos.

Acordo

Em 1987, quando ocupava o Ministério da Fazenda, Bresser Pereira apresentou aos credores uma proposta de redução de dívida ao invés do simples reescalonamento



Simonsen acredita que o Brasil tem grandes chances de fechar um bom acordo com os credores

que foi execrada pela comunidade financeira internacional. Atualmente, a proposta não só foi aceita como adotada por várias países devedores. Apesar de não ir tão longe como Bresser, o ex-ministro Simonsen, que é favorável a conversão da dívida em títulos de privatização, acha que a negociação tem evoluído. "Em 1982, ninguém imaginava nada que não fosse o refinanciamento", lembra.

Outro ex-negociador da dívida externa, o economista Paulo Nogueira Batista Júnior, também vê boas possibilidades para uma mu-

dança de rumos nas negociações do governo com os credores. "Agora, existe uma possibilidade bastante boa para romper uma série de erros", diz.

Simonsen acha que o Brasil tem "grandes chances" de fechar um "bom acordo" com seus credores já que uma definição interessa a ambos os lados. Para ele, os ingredientes para esse acordo seriam a redução do montante da dívida, o acesso do Brasil a novas linhas de crédito e a garantia de que as agências de crédito internacional voltem a emprestar dinheiro ao

país, invertendo a atual situação em que o Brasil remete mais recursos para pagamento de juros do que recebe.

A mais inusitada proposta surgiu até agora no seminário veio do brasilianista Werner Baer que sugeriu a compra de toda a dívida brasileira, junto a bancos e organismos, pelos governos dessas instituições. Para isso, os países credores emitiriam moeda. Além disso, a cobrança seria suspensa por dez anos — prazo suficiente para que o Brasil se recuperasse internamente e pudesse voltar a pagar.